

humanitas

Vol. LXIV
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

autor del libro han dado, a su vez, recientemente como resultado la realización de una excavación arqueológica parcial, en el mismo emplazamiento en el que se encontró la inscripción, a cargo de la arqueóloga Stavroula Markoulaki, lo que ha supuesto el descubrimiento de algunos hallazgos arqueológicos no desdeñables que todavía se encuentran pendientes de estudio.

En suma, nos encontramos ante una muy meritoria edición crítica de las inscripciones de Polirrenia realizada con rigor, que ha sido publicada por el Ministerio de Cultura y Turismo de Grecia en su prestigiosa Serie de Anejos de *Archaiologikon Deltion*.

JOSÉ LUIS VECILLA FERNÁNDEZ

GONZALES, Antonio ed. *La fin du statut servile? (affranchissement, libération, abolition...)*. 30^e colloque du Groupe International de Recherches sur l'Esclavage dans l'Antiquité (GIREA) – Besançon – 15-16-17 décembre 2005. Hommage à Jacques Annequin. Besançon – Paris, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2008, vol. I: 1-282, vol. II: 283-568.

Reflexão de grande amplitude, não só em termos de autores e géneros considerados (Homero, Heródoto, Sólon, Tucídides, Aristófanos, Bíblia dos *Septuaginta*, Eusébio de Cesareia, Políbio, Petrónio, Artemidoro), mas também de tempos e espaços analisados (Antiguidade greco-latina, período árabe, o subsequente à conquista de Túnis por Carlos V a 21 de julho de 1535, o pré-colonial e colonial do Burkina Faso, o que antecedeu a Guerra Civil no Sul dos Estados Unidos, o séc. XVII na Antilhas), as atas obedecem a uma estrutura tripartida que considera o processo de transição para a liberdade, a figura do liberto e os limites da alforria.

Na primeira parte, encontramos os seguintes investigadores e as respetivas comunicações: David Bouvier, “Formes de “retours à la liberté” et statut de l’ “affranchi” dans la poésie homérique”; Malik N’Doye, “L’affranchissement dans les poèmes homériques: de la parenté illusoire à l’adoption”; Saverio Gualerzi, “La fine della schiavitù di Andromaca”; Hélène-Melina Tamiolaki, “La libération et la citoyenneté des esclaves aux Arginusés: Platéens ou Athéniens? Un vers controversé d’Aristophane (*Gren.* 694) et l’idéologie de la société athénienne”; Analisa Paradiso, “Politiques de l’affranchissement chez Thucydide”; Miriam Valdés Guía, “Zeus Eleutherios/Zeus Soter y la liberación de esclavos-dependientes en

el Peloponeso”; Jacques Annequin, “Les esclaves et les signes oniriques de la liberté: l’*Onirocriticon* d’Artémidore”; Jean Peyras, “Autour de la lettre d’Aristée: Recherche sur la libération des esclaves juifs, de la Bible des Septante à Eusèbe de Césarée”; Aglaia Mc Clintock, “Liberati dalla morte”; Manuel Rodriguez Gervas – Dónisio Pérez Sánchez, “Integración ideológica y transformación del bárbaro: de *servus* a *colonus*”; Saïd El Bouzidi, “L’affranchissement des dépendants en Islam: L’institutionnalisation du *Tahrir Rakaba*”; Maurice Bazemo, “L’affranchissement chez les Peul de la région sahélienne du Burkina Faso: la réalité”.

A segunda parte comporta as seguintes comunicações: Maria Youni, “Sur le statut juridique de l’affranchi grec dans le monde gréco-romain”; Anastasia Serghidou, “Aspects culturels de la liberté personnelle chez Hérodote”; Julien Demaille, “Les *P. Anthestii*: une famille d’affranchis dans l’élite municipale de la colonie romaine de Dion”; Carlos Garcia Mac Gaw, “*CJ.4.43.2*: Esclavitud y Libertad, Representaciones Simbólicas y Prácticas Sociales”; Francesca Reduzzi Merola, “La fin de l’esclavage chez les comiques latins”; Pedro Lopez Barja de Quiroga, “Las leyes augusteas sobre manumisión”; María José Hidalgo de la Vega, “El liberto Trimalción en el *Satiricón* de Petronio. Entre la libertad y la dependencia”; François Grosdemouge, “L’accession à la richesse chez Pétrone”; Claude Brunet, “La visión de l’affranchi chez Pétrone: terminologie et discours”; Marguerite Garrido-Hory, “Les affranchis chez Pétrone: comportements et mentalités”; Antonio Gonzales, “*Quid faciant leges, ubi sola pecunia regnat*. Affranchis contre pauvres dans le *Satiricon* de Pétrone?”; Alberto Prieto Arciniega, “Esclaves et affranchis dans *Fellini – Satyricon*”; Bassir Amiri, “De la différenciation à l’intégration: *bene merens* dans les épitaphes des Germanies”; Mireille Corbier, “Famille et intégration sociale: la trajectoire des affranchi(e)s”; Liborio Hernandez Guerra, “La *liberta* en Hispanie: Manifestations épigraphiques de la province tarraconense”; Oriol Olesti Vila, “Libertos y propiedad de la tierra en el *ager barcinonensis*”; Rudy Chaulat, “La rédemption des captifs espagnols d’Afrique du Nord dans les *Descargos de Carlos Quinto* (1559-1560)”.

Na última parte, Louise-Marie L’Homme-Wery considera “Perdre sa liberté et la retrouver dans l’Athènes de Solon”; Julián Gallego, “Con-virtiéndose en griegos. La liberación de los mesenios”; Emiliano J. Buis, “Les (en)jeux d’un ‘affranchissement’ dramatique: la subjectivité légale de Xanthias dans les *Grenouilles* d’Aristophane”; Marie-Madeleine Mactoux, “Regards sur la proclamation de l’affranchissement au théâtre à Athènes”;

Martine Gärtner, “L’affranchissement dans le corpus lysiaque: une pratique contestée. Le regard d’un métèque sur l’affranchissement”; Domingo Placido Suarez, “La théorie de l’égalité des êtres humains et l’évolution des formes de dépendance”; Marie-Rose Guelfucci, “Conquête des libertés et formes de dépendance sociale et politique dans les *Histoires* de Polybe”; Marius Tiberiu Alexianu, “Une catégorie d’esclaves thraces: les *halônetoi*”; Lucretiu Mihailescu Bîrliba, “Les âges d’affranchissement dans les provinces balkano-danubiennes”; Inês Sastre – Domingo Plácido Suarez, “*Deditio in fidem* and peasant forms of dependence in the Roman provincial system: the case of Northwestern Iberia”; Olivier Petre-Grenouilleau, “Modes de sortie de l’esclavage”; Constantina Katsari – Enrico Dal Lago, “*Manumissio* e ribellione nell’Impero romano e nel Sud degli Stati Uniti prima della Guerra Civile”; Dominique Aimé Mignot, “*In servitute reverteris...* Exceptions à la sortie de l’esclavage aux Antilles”.

Quanto à figura de Eumeu, sintetizadas as principais teorias que sobre a condição da personagem se têm formulado, conclui Bouvier que se o porqueiro aduz o facto de, com a irmã de Ulisses, ter sido criado por Anticleia para reclamar junto de Ulisses amizade e fraternidade, já, no propósito de afirmar a sua autoridade paternal, o diz o Laértida irmão de Telémaco, que, por sua vez, o trata como se de um pretendente e competidor não passasse. Considerado o esforço da ideologia patriarcal para dissimular a condição servil, sustenta Ndoye o carácter fictício desta relação de parentela onde o escravo se vê tacitamente obrigado a submeter-se ao senhor, lhe pertence, está privado do direito de propriedade e de contrair matrimónio, e só alcançaria plena liberdade se fugisse e regressasse à sua pátria.

Particularmente estruturantes são os contributos de Maria Youni e de P. López Barja de Quiroga, respetivamente “Sur le statut juridique de l’affranchi grec dans le monde gréco-romain” e sobre “Las leyes augusteas sobre manumisión”: o primeiro considera os processos privados e públicos de alforria no mundo grego, e o enquadramento religioso e ritual que se podia dar ao ato e que, depois da concessão por parte de Caracala da cidadania romana a todos os habitantes do Império em 212, foi por alguns governadores locais integrado no *ius provinciale*; e ainda o contraste entre, de um lado, a equiparação, no universo grego, do estatuto do escravo ao do meteco ou ao do estrangeiro domiciliado, e, por conseguinte, a privação de participação na vida política, e, do outro, a cidadania, limitada embora, que a alforria concedia ao escravo romano, e a consequente participação

nas assembleias do povo e a impossibilidade de ser eleito magistrado ou membro do Senado Romano.

Embora, para justificar a referida diferença, alegue Youni o voto, nas assembleias populares, dos libertos nos respetivos patronos, a verdade é que, se se pensar na lenda do rapto das Sabinas ou na importância dos escravos cultos na difusão da cultura grega em Roma, facilmente se percebe a razão de ser da referida concessão inicial de cidadania.

A escolha do adjetivo “inicial” não é inocente, uma vez que López Barja de Quiroga esclarece que se a lei Júnia, por Justiniano apelidada de “Norvana” (entre 44 e 2 a.C.), havia tornado latinos todos quantos não tivessem sido manumitidos *uindicta, censu, testamento*, já a Fúfia Canínia de 2 a.C. – na sequência da Falcídia de 41 a.C. que garantia aos herdeiros, contra legados testamentários, a quarta parte da herança – estabelecia a proporcionalidade entre o total de escravos detidos por um senhor e os alforriados por testamento, e limitava ao máximo de cem os que desta forma poderiam ser manumitidos; e, pela Élia Sência de 4 d.C., a manumissão concedia, ao escravo com menos de trinta anos ou ao que fosse propriedade bonitária (e não quiritária) do seu senhor, a latinidade, e não a cidadania.

No fundo e conforme demonstrou o investigador, o que Augusto criou foi uma espécie de metecos, que assegurava um acréscimo demográfico – já notado na Grécia de Filipe V a Dionísio de Halicarnasso –, refreava a miscigenação de sangue escravo com o do cidadão, reduzia substancialmente o número de indivíduos com acesso à distribuição estatal de trigo, e assegurava aos patronos, por morte dos latinos junianos, a herança dos últimos.

Mas havia quem, por morte do senhor, alcançasse não só a alforria, mas também uma grande fortuna, como sucedeu com Trimalquião, cuja história, apesar de ficcional e exagerada, não deixa de fazer dele o mais acabado exemplo de liberto que chegou até nós. Cinco estudos sobre libertos petronianos em geral e a personagem em particular (de Hidalgo de la Veja, de Grosdemouge, de Brunet, de Garrido-Hory e de Gonzales) coincidem na ideia de que a pretensa *humanitas*, subjacente à afirmação de que os escravos são homens como nós e beberam do mesmo leite (Petrônio 71.1-3), não deixa de estar ao serviço de uma demarcação relativamente à anterior condição de escravo de Trimalquião e não deixa de fazer do novo-rico um senhor que, como qualquer pessoa de condição livre, distribui recompensas e castigos pelos serviçais. Embora Hidalgo de la Vega estabeleça um paralelo entre o passo petroniano referido e Plínio-o-Moço, *Ep.* 3.14 e 8.16 – onde de par com a concessão de *alimenta* por parte do autor a 100 manumitidos, e a

emancipação de escravos enquanto tinham condições de vida, se defendia a aplicação do *S.C. Silanianum* –, a verdade é que, conforme nota a maior parte dos críticos, o alvo paródico de Petrónio é, neste caso e tendo até em conta a própria fraseologia, a *Ep.* 47 de Séneca. O tópico da igualdade entre os homens já remontava de resto aos cénicos e havia sido desenvolvido pelos estoicos que, como se sabe, além de contarem nas suas fileiras um imperador (Marco Aurélio) e um escravo (Epicteto), ainda encaravam a condição social como indiferente. Observa, no entanto e com razão, Hidalgo de la Veja que o que, com as apregoadas manifestações de *humanitas*, se pretendia, era assegurar uma certa estabilidade social e a manutenção do paradigma esclavagista vigente.

Dada variedade de perspetivas em que os fenómenos da alforria, da libertação e da abolição são estudados (religiosa, jurídica, política e social), revelam-se as atas uma obra importantíssima para o estudo transtemporal e transespacial dos referidos fenómenos.

PAULO SÉRGIO FERREIRA

GUIMARÃES, Joana, *Suicídio Mítico, Uma Luz Sobre a Antiguidade Clássica*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, *Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis*, 1ª Edição, Coimbra, 2011, pp. 196 com apêndice – Tratamento Estatístico, ISBN 978-989-8281-92-0.

Esta monografia constitui a tese de Mestrado submetida pela autora Joana Guimarães, à Universidade de Coimbra, orientada pelo Professor Doutor Francisco de Oliveira.

Esta é uma obra cujo tema se torna um pretexto aliciante para a efectivação de um estudo mais aprofundado, na temática do suicídio na Antiguidade Clássica.

A monografia inicia-se com duas páginas de notas prévias, que se divide em abreviaturas e sigas; aparato crítico; autores antigos, e uma breve referência à obra utilizada para a tradução dos mitónimos, pormenores que se revelam importantes para o bom entendimento do texto.

A introdução enquadra o leitor, de uma forma muito bem estruturada, no objectivo desta investigação, que se traduz, na sua essência, por conhecer o Mundo Antigo e, acima de tudo, entendê-lo, nos seus pontos até agora mais